



FACULDADE METODISTA
GRANBERY
1889 • Colégio - Faculdade

Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery

<http://re.granbery.edu.br> - ISSN 1981 0377

Curso de Pedagogia – N. 11, JUL/DEZ 2011

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UM “NOVO” MODELO DE ENSINO

Ana Valéria Vargas Pontes*1

Kátia Dutra Pacheco*

Marciliana Baptista Amaral*

Patrícia Maria Pereira*

Waldinéia Rodrigues Liquer*

RESUMO

Este artigo aborda uma das mais “novas” modalidades de ensino: a Educação a Distância, que, embora tenha surgido nos anos de 1904, foi somente a partir dos anos 2000 que, alcunhada de EAD, foi ser mais amplamente difundida e procurada por um contingente cada vez maior de pessoas em todo o mundo. Diante de um assunto o qual passa por ampla discussão no momento, pretende-se dar a conhecer por meio desse trabalho científico, mesmo que de forma concisa, um pouco mais acerca dessa “nova” modalidade de ensino e da história da EAD. Por isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratório, a fim de fornecer informações a respeito desse tema, com o principal intuito de expandir o conhecimento não somente das pessoas que analisam o assunto, como também das que possam vir a se interessar pelo mesmo, e, dessa forma, explicitar os pontos positivos e negativos da EAD para que resulte na continuidade da formação de um indivíduo capaz de colocar em prática o seu senso crítico acerca da EAD, aferindo se ela é ou não mais uma proficiente forma de ensino. É preciso mostrar, por meio de pesquisas nos meios de comunicação disponíveis, a conclusão que a EAD não é tão nova quanto parece e, ademais, o que a diferencia da EAD de outrora são justamente as atuais TIC, isto é, Tecnologias de Informação e Comunicação, as quais vêm ganhando um vasto espaço em meio a esse moderno mundo globalizado.

Palavras-Chave: EAD. “Nova” Modalidade de Ensino. História da EAD. Pontos Positivos e Negativos. TIC.

* Graduandas do primeiro período em Pedagogia pela Faculdade Metodista Granbery.

*1 Professora da Faculdade Metodista Granbery.

ABSTRACT

This article discusses one of the most "new" types of education: distance education, which, although it emerged in the year 1904, it was not until the 2000s that dubbed DMT, was more widespread and is sought by a growing contingent of people around the world. Faced with an issue which goes through extensive discussion at the moment, we intend to make known through this scientific work, albeit concise, a little more about this "new" type of education and the history of EAD. Therefore, we performed a literature search for exploratory in order to provide information on this subject, with the main aim of expanding knowledge not only of people who analyze the subject, as well as those that might be interested in the same , and thus explain the pros and cons of EAD that would continue for the formation of an individual capable of putting into practice their critical thinking about the DL, checking whether or not it is a more proficient way of teaching. We must show, through research in the media available, the conclusion that distance education is not as new as it seems, and besides, what differentiates the EAD once it is precisely the current ICT, ie Information Technology and communication, which have gained a vast area in the midst of this modern globalized world.

Keywords: EAD. "New" Method of Teaching. History of Distance Education. Plus and Minus. ICT.

1 Considerações Iniciais

Já é fato que a EAD tornou-se uma realidade em plena e constante expansão em vários lugares do país. Em vista disso, há uma necessidade cada vez mais premente em se reestruturar, dinamizar, modificar, difundir a EAD, enfim, de torná-la mais acessível a todo o seu público-alvo tão exigente.

Por intermédio de pesquisas no “ciberespaço” e em livros, estará presente nesse artigo a história da EAD, aliás, uma de suas histórias mais aceitas e admissíveis por diversos estudiosos do ramo, visto que não há uma exatidão quando se trata da “História da EAD”, portanto, o texto se baseia nos trabalhos de Dias e Leite (2010), Belloni (2008) e Chaves (1999) – todos sendo professores da área educacional – entre outros.

Conforme Chaves (1999) a Educação a Distância, também chamada de teleducação, é o modelo de ensino o qual não exige que o aprendiz compareça pessoalmente no ambiente formal do processo ensino-aprendizagem, bem como não é necessário que o aluno siga o ritmo de outros alunos, ou seja, ele segue o seu próprio ritmo de aprendizado. Diz respeito também ao afastamento temporal e/ou espacial entre o professor e o seu aprendiz.

Dias e Leite (2010) complementam afirmando que a efetuação do processo ensino-aprendizagem nesse contexto dar-se-á, sobretudo, por intermédio das chamadas TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação), as quais podem ser exemplificadas por vários mecanismos: o vídeo, o CD-ROM, o fax, o celular, o iPod, a televisão, o telefone e especialmente o computador – o qual é a tônica no momento.

Haja vista que as TIC vêm ganhando espaço em meio a um contingente muito grande de jovens desejosos de usufruir, em conjunto, das mais diversificadas formas de comunicação, diferentes daquelas mais convencionais e tradicionais, como já afirmava um dos filósofos e estudiosos franceses do assunto – Pierre Lévy –, hoje, a EAD tem como uma de suas principais bases as tecnologias mais procuradas no momento, para que dessa forma siga-se o ritmo de aprendizagem dos alunos, de acordo com as circunstâncias do momento.

Para Chaves (1999) o termo EAD, como já foi explanado, equivale a Educação a Distância, havendo ainda outro nome: teleducação. Entretanto, ele continua, citando que há um nome bem mais controverso: ensino à distância, pois algumas correntes de estudiosos da área

afirmam que o termo “Educação a Distância” é errôneo, já que a educação não pode ser em hipótese alguma conquistada sem que haja a presença do indivíduo a ser educado, daí, tais estudiosos, como assegura o professor, preconizam que somente o termo “ensino à distância” é que deve prosperar. Esse breve comentário é apenas mais uma curiosidade sobre alguns dos nomes que a EAD recebe pelo Brasil, uma vez que o fundamental não é o nome que dão a ela, mas sim a sua qualificação e excelência – as quais serão discutidas nesse artigo.

Belloni (2008) destaca que, embora esteja havendo um considerável crescimento da Educação a Distância no Brasil, não pode ser deixado em segundo plano o outro lado dessa “nova” modalidade de ensino, que é justamente o seu lado que pode deixar a desejar, ou seja, o conjunto de fatores que se não forem bem geridos e administrados, tanto pelos professores quanto pelos alunos, acabará prejudicando a ambos, mas principalmente ao aluno, o qual na maioria das vezes é um dos mais prejudicados com algumas das lacunas e fissuras existentes nesse tipo de ensino, podendo levar à displicência de ambas as partes.

Todavia, serão abordados pontos positivos e negativos desse “novo” modelo de ensino, pois o objetivo maior desse artigo é ampliar os conceitos concernentes a esse modelo e fazer valer de forma crítica a opinião dos indivíduos interessados no tema – os quais estarão mais propensos a opinar sobre quaisquer tipos de julgamentos, juízos de valor, avaliações, expressões, enfim, qualquer tipo de manifestação relativa ao assunto aqui abordado.

Tendo como embasamento algumas das ideias desses renomados escritores, propõe-se que a partir de todos os conhecimentos prévios aqui fundamentados, todos os leitores possam tirar suas próprias conclusões a respeito desse “novo” modelo de ensino – a Educação a Distância –, contrapondo o que deve ou não ser realmente levado em conta numa vindoura procura por algum tipo de curso a distância.

2 A História

Há uma controvérsia em torno da história da EAD no Brasil, pois existe uma carência de informações mais rigorosas a respeito de seu surgimento no país, como atestam Dias e Leite (2010), as quais dão continuidade à linha de raciocínio confirmando que, a EAD não é algo novo

em nosso meio, embora muitos teimem em contradizer essa afirmação sustentando que essa é a mais nova modalidade de ensino que surgiu no novo século. Elas corroboram, reforçando que isso se deve ao progresso de uma série de novas tecnologias, as quais surtem demasiado efeito no contexto da EAD, isto é, ela teve que se adaptar a esse novo ambiente tão tecnológico, fomentando nas pessoas o errôneo pensamento de que pela procura ter aumentado, a EAD foi a mais nova manifestação que apontou, aliás, que surgiu no século XXI.

Endossando o que as escritoras afirmam dentro desse contexto, Hermida e Bonfim (2006, p. 167) declaram que “a EAD não é nova, mas está crescendo exponencialmente devido ao surgimento da sociedade baseada em informação e da explosão do conhecimento.” Conforme os autores, a sociedade necessita cada vez mais de inovações em diversas áreas, bem como de novos “meios” para serem implantados nessas áreas. Portanto, a EAD está sendo muito procurada pelo fato de a educação presencial não estar atendendo às necessidades de seus usuários.

Tendo como suporte a declaração supracitada, Dias e Leite (2010) discorrem da seguinte maneira com relação ao surgimento da EAD no Brasil:

[...] inexistem registros precisos acerca da criação da EAD no Brasil. Tem-se como marco histórico a implantação das “Escolas Internacionais” em 1904, representando organizações norte-americanas. Nos idos de 1934, Edgard Roquete-Pinto instalou a Rádio-Escola Municipal no Rio de Janeiro, através da qual os alunos tinham acesso prévio a folhetos e esquemas de aulas. Utilizavam também correspondência para contato com alunos (ALVES *apud* DIAS & LEITE, 2010, p. 10).

De acordo com os estudos de Dias e Leite (2010), no início de 1960 a EAD fora impulsionada pelo MEB (Movimento de Educação de Base), o qual estava ligado à Igreja Católica e ao Governo Federal; sendo desenvolvido em 1961 para se alfabetizar adultos através do rádio; um programa governamental de alfabetização criado pela Confederação Nacional de Bispos do Brasil (CNBB). Após dois anos de atuação, reformulou radicalmente seus objetivos e seus métodos, aliando-se a outros movimentos de cultura popular do período.

E muitos outros cursos similares também fizeram sucesso na época, como, por exemplo, os por correspondência do Instituto Universal Brasileiro (IUB), que foi criado em 1939 e fundado em 1941, no Estado de São Paulo – oferecia cursos nas mais diversas áreas: desde costura até

mecânica – um dos pioneiros no ensino a distância no Brasil, que com o tempo, veio a se tornar a maior escola do gênero no país.

Outro plano estratégico do governo em meio a essas circunstâncias, como consta nos trabalhos das autoras, foi o Projeto Minerva – em que todas as emissoras do país eram obrigadas a transmitir a sua programação logo após a Voz do Brasil, com a finalidade de educar pessoas adultas via rádio. No dia 1º de setembro de 1970 o Projeto Minerva iniciou as suas transmissões; criado pelo então *Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura*.

Conforme instrui o artigo de Castro (2007), o nome desse projeto é oriundo da deusa grega da sabedoria, e o projeto tinha alguns intentos mais específicos, tais como: colaboração na inovação e no progresso do arcabouço educacional e na divulgação da cultura, unindo o rádio, entre outros meios; converter-se em um subsídio por meio do complemento ao trabalho desenvolvido pelo sistema regular de ensino; uma possível promoção da educação continuada; difusão da programação cultural de acordo com a participação da audiência e feitura de textos didáticos de auxílio aos programas instrutivos, conquanto o projeto tenha sido muito divulgado por um bom tempo pela televisão durante a época do Regime Militar, ainda sim, a sua qualidade sempre foi posta à prova pelos demasiados comentários, e com o passar dos tempos a sua atuação foi considerada ultrapassada e desatualizada, tendo fim – no dia 15 de fevereiro de 1991 – após vinte anos de existência.

Conforme Castro (2007), o Projeto Minerva constituiu-se em um importante campo de experiências, permitindo avaliar positivamente as vertentes do uso do rádio educativo em nosso país, destacando, porém, que o contexto brasileiro favoreceu o uso do programa para uma educação massificadora e pouco preocupada com as condições sociais do país. Este projeto deve ser lembrado no sentido de não se cometer no presente os erros históricos de um passado recente.

Pode-se observar que a Educação a Distância, em sua forma empírica, é conhecida desde o século XIX. Todavia, somente nas últimas décadas passou realmente a fazer parte do mundo pedagógico. Ela surgiu da necessidade do preparo profissional e cultural de milhões de pessoas que, por vários motivos, não podiam fazer parte de uma instituição de ensino presencial, e evoluiu com as tecnologias disponíveis em cada momento histórico, as quais influenciam o ambiente educativo e a sociedade como um todo, sendo tais tecnologias caminhos que “[...] oferecem possibilidades inéditas de interação mediatizada (professor/aluno; estudante/estudante) e de interatividade com materiais de boa qualidade e grande variedade” (BELLONI, 2008, p. 59).

Castro (2007) relata que a história da EAD é até mais antiga do que se imagina, advindo de muitos anos de informações acumuladas, pois, conforme explana, uma das primeiras tecnologias que permitiu a existência da EAD foi a escrita,

Contudo, a escrita é mais que um instrumento. Mesmo emudecendo a palavra, ela não apenas a guarda ela realiza o pensamento que até então permanece em estado de possibilidade. Os mais simples traços desenhados pelo homem em pedra ou papel não são apenas um meio, eles também encerram e ressuscitam a todo o momento o pensamento humano. Para além de modo de imobilização da linguagem, a escrita é uma nova linguagem, muda certamente, mas, segundo a expressão de L. Febvre, “centuplicada”, que disciplina o pensamento e, ao transcrevê-lo, o organiza (HIGOUNET **apud** CASTRO, 2007, p. 20).

Em suma, “assim funcionava a EAD no Brasil até a década de 1970: via correspondência e rádio. Hoje, cerca de 40 anos depois, o Instituto Universal Brasileiro continua oferecendo cursos – *online!*” (DIAS & LEITE, 2010, p. 10).

3 A parceria: EAD e TIC

Dias e Leite (2010, p. 7) expõem dados para mostrar que

A Educação a Distância (EAD) cresce em alta velocidade no país. Em 2005, o número de alunos que estudaram em instituições oficiais que praticam essa modalidade de ensino no Brasil cresceu 62,6% em relação a 2004, totalizando mais de 504 mil estudantes em escolas autorizadas. De acordo com o Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância 2007 (ABRAEAD, 2007) – maior levantamento de dados sobre o setor no Brasil – houve um crescimento de 36% de instituições autorizadas pelo Sistema de Ensino (MEC e CEEs) que praticam EAD e um aumento de 150% no número de alunos que participam de processos educativos a distância no período entre 2004 e 2006. Os cursos de graduação a distância cresceram 74% entre 2004 e 2005. No mesmo período, o número de vagas na graduação também deu um salto de 274%.

Pode-se observar que Dias e Leite (2010) comungam do mesmo pensamento, porquanto a EAD já é uma constante em meio à sociedade do novo século. E como Dias e Leite (2010) reafirmam, por essa realidade estar tão presente no meio educacional, deve haver também muitos princípios pedagógicos coerentes e adequados voltados para esse contexto socioeducativo.

Dias e Leite (2010, p. 7) comprovam salientando que “nesse sentido, a Secretaria de Educação a Distância (Seed) desenvolve numerosos projetos de EAD voltados para os diferentes níveis de ensino. Dentre esses projetos podemos citar a Universidade Aberta do Brasil (UAB).”

As escritoras explanam que a UAB é um programa do Ministério da Educação, instituído no dia 8 de junho de 2006, e possui como prioridade a capacitação de professores da educação básica. Seu objetivo é estimular a articulação e integração de um sistema nacional de educação superior. E para isso a UAB não estipula a criação de uma nova instituição de ensino, contudo, propõe a articulação das já existentes, possibilitando levar ensino superior público de qualidade aos municípios brasileiros que não possuem cursos de formação superior ou cujos cursos disponíveis não são suficientes para atender a todos os cidadãos brasileiros.

Anos atrás, segundo Hermida e Bonfim (2006), as TIC não eram tão comuns no ambiente acadêmico, por isso não havia como a EAD ser tão difundida e, portanto, só hoje a UAB tornou-se popular.

Eles salientam que nesse novo ambiente pedagógico modificado pelas TIC, a EAD mostra-se como sendo mais um recurso tecnológico que poderá vir a somar ainda mais conhecimento no campo acadêmico e, posteriormente, social, todavia, os autores aconselham que é de fundamental importância o uso sistematizado e planejado desse conjunto tecnológico, pois, a parceria EAD e TIC tem tudo para dar certo, desde que seu principal foco seja na continuação da construção gradativa de valores, de espírito crítico e da autonomia em seu aprendente em meio a seu processo de inserção na sociedade.

Por conseguinte, eles sustentam que “[...] do ponto de vista pedagógico a EAD deve ser encarada como um instrumento de qualificação que traz uma fundamental contribuição ao processo pedagógico e ao serviço educacional [...]” (FERREIRA *apud* HERMIDA & BONFIM, 2006, p. 171).

Partindo desses pressupostos aqui explicitados até agora, Dias e Leite (2010) enumeram em ordem decrescente as mídias mais utilizadas nas aulas de EAD no Brasil: a imprensa é a

vencedora (84,7% das escolas fazem uso dela), o *e-learning*¹ (61,2%) ocupa o segundo lugar, e logo em seguida vem o CD-ROM (42,9%).

Dias e Leite (2010) verificam que há uma série de questões que devem ser levantadas e respondidas quando se aborda o tema concernente ao “novo” modelo de ensino – EAD – juntamente com as TIC, sendo todas elas atinentes ao fato de como contextualizar de forma pedagógica todas as TIC de acordo com as necessidades de um aluno da EAD.

Em comunhão com Castro (2007), conforme Chaves (1999), a primeira tecnologia que permitiu a EAD também foi a escrita. Não obstante, Dias e Leite (2010) são bem mais “modernas”, citando outros tipos de mecanismos os quais foram os responsáveis pela permissão de uma EAD mais tecnológica, como o rádio, a televisão, o vídeo, a mídia impressa, a teleconferência, o computador, enfim, uma sucessão de outros elementos tecnológicos, os quais, segundo elas, só vêm a somar no processo ensino-aprendizagem nesse “novo” modelo de ensino. Contudo, Dias e Leite (2010, p. 83) frisam que “o sucesso de um curso depende também do tipo de mídia e tecnologia utilizadas e de *como* elas são utilizadas.”

Chaves (1999) continua a sustentar que o livro é, com certeza, a tecnologia mais importante na área da EAD antes do surgimento das modernas tecnologias eletroeletrônicas, especialmente as digitais, e, dessa forma, sua linha de pensamento vai ao encontro do que observam as professoras, as quais classificam a parceria EAD e TIC como sendo importante para um curso de qualidade, uma vez que as Tecnologias da Informação e Comunicação sejam utilizadas de maneira sócio-educacional.

Ele aponta que, mais recentemente, as Tecnologias de Informação e Comunicação, sobretudo, em sua versão digital, deram uma alavancada ainda maior no alcance e nas possibilidades da EAD, reafirmando o que pensam Dias e Leite (2010), pois, segundo o autor, o surgimento de tantos meios tecnológicos, como por exemplo, do rádio, da televisão e, mais recentemente, do computador, como meio de comunicação, veio dar nova dinâmica ao ensino a distância.

Para ele, o surgimento da escrita permitiu o aparecimento da primeira forma de EAD: o ensino por correspondência. Menciona ainda que as epístolas do Novo Testamento (destinadas a

¹ O termo *e-learning*, segundo o site abaixo, é a “situação de ensino/aprendizagem que inclui um vasto número de aplicações e processos tais como, *web-based learning*, *computer-based learning*, salas de aula virtuais e colaboração digital.” Ver em: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&biw=1024&bih=522&defl=pt&q=define:E-learning>.

comunidades inteiras), as quais possuem nítido caráter didático, são claros exemplos de EAD. Ao passo que determinados profissionais da área enfocam mais numa EAD totalmente arraigada a tecnologias, afirmando categoricamente que, como é o caso de Dias e Leite (2010, p. 115):

As facilidades oferecidas pelo atual aparato tecnológico vêm modificando as possibilidades de diálogo a distância, colocando à disposição dos alunos e professores ambientes virtuais de aprendizagem visando a interação. Estamos na era da mobilidade e da ubiqüidade. [...] podemos dizer que, com os ambientes computacionais, ficou mais fácil participar do processo de construção do conhecimento dos alunos. Nesse novo espaço de comunicação, conhecido como *ciberespaço*, as ferramentas computacionais podem potencializar a interação e a interatividade entre alunos, professores e material didático.

Há convergências quanto a Belloni (2008, p. 53) também, visto que, segundo ela, “tomadas em seu sentido mais geral, pedagogia e tecnologia sempre foram elementos fundamentais e inseparáveis da educação.” E preocupada com essa parceria – EAD e TIC – discorre acerca dessa intrínseca relação, enfatizando que o uso de uma tecnologia dentro do contexto educacional deve estar sempre acompanhado de reflexões mais intensas e aprofundadas no que concerne ao ensino e aprendizagem.

Algumas são as divergências as quais norteiam essa parceria (o que será discutido no decorrer do artigo), entretanto, de um modo geral, houve unanimidade por parte dos escritores supracitados: realmente converte-se numa “amistosa” parceria a junção da Educação a Distância com as Tecnologias da Informação e Comunicação. Portanto, Dias e Leite (2010, p. 83) aquiescem reafirmando que “cada sociedade está sujeita a utilizar as tecnologias presentes em seu tempo”, concluindo que “o que diferencia a EAD praticada hoje daquela praticada tempos atrás são os meios disponíveis e adequados em cada época”, conquanto Chaves (1999) argumenta que nem tudo o que é possível vale a pena ser feito, fazendo menção ao fato de que se deve ter muito cuidado ao começar qualquer curso de EAD, cujas tecnologias aplicadas sejam da atualidade (o que, aliás, é a tônica), pois, conforme ele, elas devem atender única e exclusivamente a todas as necessidades pedagógicas de cada educando do curso.

Contudo, Dias e Leite (2010) julgam que uma nova tecnologia nunca desconsidera ou rejeita as mais antigas, diante disso, elas afirmam que a EAD do passado foi uma espécie de projeto ou experiência para o atual tipo de Educação a Distância.

Por conseguinte, nesse sentido, as professoras advertem para que não se cometa o terrível erro de afirmar que a EAD dos anos 60, 70, 80 e até 90 era ultrapassada e sem recursos plausíveis para a promoção do ensino, já que isso seria uma falácia.

4 Pontos positivos da EAD

É importante entender o porquê do exponencial crescimento dessa mais “nova” modalidade de ensino, e para isso, faz-se necessário enumerar os essenciais pontos a favor da EAD, isto é, quais são as causas de sua grande disseminação pelo país.

Chaves (1999) aponta a virtualidade, a qual é típica da EAD do século XXI como sendo um dos pontos que a torna tão eficaz e popular, pois graças a ela, hoje em dia, para que o professor ensine o conteúdo ao aprendiz não é necessário que estejam em proximidade espaço-temporal, ou seja, que estejam no mesmo espaço e no mesmo tempo. Ele elenca ainda outros tipos de vantagens da EAD em relação ao ensino presencial: maior alcance, ou seja, um grande número de pessoas, ao mesmo tempo, pode fazer o curso, já que não é ministrado em um espaço convencional; razão custo/benefício mais favorável, e, mormente, maior flexibilidade – tanto para os ensinantes quanto para os aprendizes. Chaves (1999) complementa:

não resta a menor dúvida de que o EAD tem maior alcance do que o ensino presencial. Por mais que se critiquem os Telecursos da Fundação Roberto Marinho/FIESP, não há como duvidar do fato de que eles alcançam muito mais pessoas, com os mesmos investimentos e recursos, do que se fossem ministrados presencialmente. O mesmo se pode dizer (embora em grau ainda menor) em relação a cursos ministrados pela Internet. [...] Dado o fato de que EAD usa tecnologias de comunicação tanto síncronas como assíncronas, não resta dúvida de que, no caso das últimas, tanto os ensinantes como os aprendentes têm maior flexibilidade para determinar o tempo e o horário que vão dedicar, uns ao ensino, os outros à aprendizagem. Recursos como páginas Web, bancos de dados, correio eletrônico, etc. estão disponíveis 24 horas por dia sete dias por semana, e, por isso, podem ser usados segundo a conveniência do usuário.

O autor executa a seguinte compilação: hoje, o caráter "pessoal" de um relacionamento ocorre independentemente da proximidade no espaço e no tempo. Então, segundo ele, é possível,

atualmente, manter relacionamentos extremamente pessoais, e até íntimos, à distância, fazendo uso dos meios de comunicação que estão ao dispor, os quais envolvem o som, o texto, a música e a imagem. Por outro lado, a mera vizinhança espaço-temporal não garante que um relacionamento seja pessoal. À vista disso, está a EAD, cuja metodologia física é exatamente voltada para as condições explicitadas por Chaves (1999), as quais, conforme ele, não são convertidas em obstáculos para um futuro êxito na aprendizagem, mas sim em pontes e canais que levam até ela.

Na comparação supracitada, ele leva à reflexão as diferentes classes sociais existentes em algumas escolas, as quais, muitas vezes, mantêm relacionamentos implacavelmente impessoais, apesar da proximidade no espaço e no tempo. Há situações nesses contextos em que o professor nem sequer sabe o nome de seus aprendizes e desconhece totalmente as suas características individuais, as quais, segundo Chaves (1999), são extremamente relevantes para um ensino proficiente e de qualidade. Portanto, o escritor destaca sua posição afirmando que a EAD é, sem dúvida, um modelo de ensino bastante eficaz, desde que esta saiba gerir uma série de empecilhos que possam surgir em meio a seu processo de efetivação.

Em conformidade com Chaves (1999), Belloni (2008) define a tecnologia como sendo um dos mecanismos que fazem aumentar a procura pela EAD, configurando a educação como “[...] um processo complexo que utiliza a mediação de algum tipo de meio de comunicação como complemento ou apoio à ação do professor em sua interação pessoal e direta com os estudantes” (BELLONI, 2008, p. 54). Haja vista que a pesquisadora ratifica o valor da harmoniosa combinação de uma gama de subsídios tecnológicos para que se obtenha a supressão de eventuais fissuras na interação professor/aluno, a qual pode ficar comprometida por causa da dependência tecnológica.

De um lado, Chaves (1999) está a delinear mais um dos pontos positivos que fazem a EAD tornar-se cada vez mais popular, que é a personalização e a individualização do aluno, isto é, o estudante recebe um atendimento mais particular, individual, o que nem sempre ocorre no modelo de ensino convencional. Do outro lado, está Belloni (2008), a convergir com o que o escritor já havia defendido: “as técnicas de interação mediatizada criadas pelas redes telemáticas [...] permitem combinar a flexibilidade da interação humana [...] com a independência no tempo e no espaço, sem por isso perder velocidade” (BELLONI, 2008, p. 59).

A escritora continua destacando que, apesar de a EAD estar sendo tão procurada por conta dessa sucessão de pontos positivos, ainda há falta de recursos por parte de algumas pessoas ao tentarem adquirir todo o suporte técnico para a efetivação do curso em casa. Todavia, ela explana que há fortes indícios de que os aparatos tecnológicos os quais tornam a EAD viável em domicílio estão se tornando cada vez mais populares, isto é, estão sendo encontrados a preços moderados no mercado. Diante dessa perspectiva, Chaves (1999) ainda complementa reforçando que esses programas podem oferecer uma razão custo/benefício favorável se o seu alcance for realmente significativo, ou seja, se atingir um público, porventura, na casa dos milhões de pessoas, o que, segundo ele, não é nada complicado nos dias atuais.

Dias e Leite (2010, p. 35) exemplificam mais um ponto positivo desse “novo” modelo de ensino e também criticam de forma latente

Aquele professor detentor de conhecimento, cujo papel é o de meramente transmitir os saberes acumulados pela humanidade [...]. Obviamente, a rede pressupõe, também, um fim à passividade do aluno, viabilizando a construção de sua autoformação e de sua autonomia no processo de aprendizagem. A instituição escolar – como espaço sistematizador da aprendizagem – ganha nova dimensão: a virtualidade disponibiliza informação o tempo todo [...].

Partindo desse pressuposto, ambas as escritoras querem fazer valer a importância de a EAD suscitar no estudante a autogestão de seus valores, decisões e capacidades próprias, sem a intermediação de outrem para tanto.

Segundo elas, pode-se delegar à EAD o papel fundamental de mantenedora não somente da autonomia, mas também da disciplina do educando, visto que o ensino a distância requer uma capacidade de organização bem maior do que a modalidade convencional de ensino, e elas atestam que com o passar do tempo, automaticamente, esse aluno vai se capacitando para estar cada vez mais preparado para ser inserido nesse contexto de ensino, obtendo sucesso em meio ao processo de aprendizagem.

Vergara (2007) dá ênfase a essa lista, reaplicando vários outros exemplos os quais dão mérito à EAD: a aprendizagem ocorre de forma eficaz, interativa e prazerosa, devido à utilização de recursos estéticos, como sons, imagens, gráficos, filmes etc.; a construção do conhecimento é coletiva e colaborativa, com a troca de informações entre os alunos; esse “novo” tipo de curso

permite ao aluno realizá-lo de acordo com seu tempo disponível, com seu ritmo e sem depender do lugar; o aluno é independente, disciplinado e gestor, com isso, constrói o seu conhecimento praticamente sozinho.

Em suma, Dias e Leite (2010) arrematam os pontos positivos da EAD afirmando que ela só tende a crescer em meio a uma sociedade cada vez mais necessitada de tempo, e sendo a EAD um curso que prioriza a resolução dessa problemática, o Ministério da Educação e Cultura (MEC), como evidenciam as professoras, tem investido cada vez mais nessa “nova” modalidade de ensino para que haja o atendimento dessa enorme demanda.

5 Pontos negativos da EAD

Há um debate em torno desse “novo” modelo de ensino, o qual é mais aguçado ainda quando se extravia dos pontos positivos para o patamar dos pontos negativos da EAD. Embora haja correntes que vão ao encontro da mesma, há grupos de pessoas e até mesmo de estudiosos que ficam meio reticentes e duvidosos quanto à eficácia desse “novo” tipo de ensino. Criticam acerca de várias lacunas existentes nesse meio, isto é, para determinados profissionais da área educacional sobretudo, a EAD deixa a desejar em diversos âmbitos.

Para Belloni (2008), por exemplo, apesar de a EAD focar uma metodologia voltada para a descontiguidade, é importante o convívio diário entre aluno e professor no ambiente da sala de aula, pois, conforme alega a escritora, não se deve deixar esse tipo de contato em segundo plano e tampouco negligenciá-lo, porquanto para que haja a enriquecedora influência mútua entre as pessoas, não se pode menosprezar esse contato aluno/professor.

Belloni (2008, p. 54) discute, aliás, propõe uma solução para esse empecilho, determinando que “[...] os problemas gerados pela separação no espaço (descontiguidade) podem ser mais facilmente superados por sistemas eficientes de comunicação pessoal simultânea ou diferida entre os estudantes, tutores e professores [...]”.

Dias e Leite (2010, p. 116) endossam a proposição de Belloni (2008) afirmando que

Se a grande questão em EAD, hoje, é como superar as dificuldades impostas pela distância, podemos dizer que, com os ambientes

computacionais, ficou mais fácil participar do processo de construção do conhecimento dos alunos. [...] Sabemos que a presença física por si só não garante a tão almejada interação entre professor-aluno-aluno.

Chaves (1999) reflete sobre a mesma questão e apresenta a comunicação presencial e o "olho no olho" como fatores imprescindíveis para uma boa assimilação da aprendizagem, pois assim sendo, segundo ele, poder-se-á facilmente detectar as gradações verbais presentes ao longo da dialética constante nas aulas ministradas, ou seja, o tom, o timbre e o volume da voz, o ritmo da fala, as pausas, as ênfases tênues serão transformadas em pontos os quais vão ao encontro da aprendizagem; o autor ainda cita a linguagem corporal (sobretudo as expressões faciais – dando enfoque no olhar), mas também a postura, o modo como gesticulam as mãos, os braços e as pernas, como sendo aspectos de fundamental importância para o ensino do que a típica comunicação da EAD, mesmo que se faça uso dos mais tecnológicos aparatos dentro desse processo, já que para ele, nada substitui esse tipo de interação tão proveitosa e enriquecedora para aluno e professor.

Para sustentar seu argumento, Chaves (1999) menciona o grande filósofo Sócrates – o qual era adepto insistente da contiguidade espaço/temporal do ensinante e do aprendiz – para mostrar que ele também via na interação direta entre aluno e professor uma das essências mais produtivas e eficientes para o sucesso do ensino.

Nessa mesma linha de raciocínio de amostragem dos sinais negativos da EAD, Belloni (2008, p. 55) complementa e assegura que

a produção de um curso e seus materiais exige um longo trabalho de preparação, planejamento, realização e distribuição, que pode afetar negativamente as condições de estudo e a motivação do estudante (dificuldade de acesso aos materiais, demora nas respostas sobre dúvidas ou avaliações formativas). Para o professor, esta separação no tempo pode prejudicar seu desempenho e a qualidade de seu trabalho, seja pelo desconhecimento das necessidades do aluno, seja pela obsolescência ou impropriedade de currículos, ou pela falta de retorno que lhe permita corrigir distorções.

Ela mensura e afere que, à maneira do aluno, talvez seja menos dificultoso trabalhar com a separação no espaço do que com a extensão abstrata do tempo, pois o aluno pode estudar na escola, no trabalho, em casa, enfim, enquanto a maleabilidade de seu tempo fica comprometida diante dos prazos estipulados pela EAD quanto às avaliações, inscrições etc., ressaltando toda a “perfeita” gestão desse controle dentro das salas de aula tradicionais.

Portanto, Belloni (2008) estipula que, para que todos esses embaraços sejam suplantados, deve haver uma cuidadosa escolha no que concerne aos meios tecnológicos que serão utilizados na EAD, os quais, conforme a autora, devem atender às expectativas pedagógicas e curriculares.

Partindo dessa ideia, ela evidencia outro ponto problemático já desenvolvido neste texto: a questão da acessibilidade aos recursos tecnológicos que tornam a EAD viável. Conforme a pesquisadora, esse não é um obstáculo para os países de primeiro mundo, porém, ela argumenta que esse problema “[...] pode ser mais difícil de resolver, todavia, são as formas de utilização, o ‘como’ usar estas modernas tecnologias de informação e comunicação de tal modo que sentimentos de empatia [...] possam ser encorajados” (HOLMBERG *apud* BELLONI, 2008, p. 59).

Chaves (1999), enumera mais um dos pontos negativos da EAD: o custo do desenvolvimento de seus programas para que haja qualidade não é nada econômico, segundo a sua concepção, isto é, os gastos para que se obtenha uma EAD cujos suportes técnicos sejam de ponta são extremamente altos. Ademais, sua distribuição, oferecimento e administração também têm um custo considerável, portanto, o autor ainda exemplifica com o fato de que, se eles forem disseminados por intermédio de redes de televisão comerciais, o custeio de transmissão pode ser ainda mais alto do que o gasto com o desenvolvimento – haja vista essa observação.

Em sintonia ao já afirmado, ele constata que

muitas das instituições interessadas em EAD hoje estão procurando "atalhos" que reduzam o custo de desenvolvimento. Infelizmente isso dificilmente se dá sem que haja uma redução na qualidade. Em vez de usar meios de comunicação caros, como televisão e vídeo, essas instituições empregam predominantemente texto no desenvolvimento do curso e o distribuem através da Internet (com um custo relativamente pequeno, tanto no desenvolvimento como na entrega). Além disso, para não aumentar o custo de desenvolvimento, o texto é muito pouco trabalhado, consistindo,

muitas vezes, de textos que não foram elaborados com esse tipo de uso em mente, mas sim para ser publicados em forma impressa. Desta forma, o EAD acaba não passando de um ensino por correspondência em que os textos são distribuídos pela Internet e não pelo correio convencional.

Há outro ponto que nem chega a ser tão negativo, embora cause bastante polêmica, referente à EAD, aliás, atinente à aceitação dos seguintes termos correlatos, conforme Chaves (1999): Educação a Distância, Aprendizagem a Distância ou Ensino a Distância? Eis a questão!

Entretanto, para Belloni (2008), essa nem é a questão, porque na verdade, o que realmente interessa, ou melhor, o que preocupa nem são os diferentes nomes aplicados à EAD, mas sim toda a celeuma ao redor da mesma, o que pode vir a comprometer a sua reputação frente à sociedade. Ela cita vários exemplos relativos às mais diversas acepções dos nomes designados à EAD, confirmando que eles “[...] revelam a complexidade da questão e a não-unanimidade em torno do assunto” (BELLONI, 2008, p. 27).

Chaves (1999) discute a respeito disso e não expõe discrepâncias, uma vez que ele considera as expressões "Educação a Distância" e "Aprendizagem a Distância" errôneas. Visto que, para ele, a educação e a aprendizagem são processos que ocorrem, de certa forma, no interior da pessoa, ou seja, não tem como serem realizados a distância.

Contudo, com o termo “Ensino a Distância”, o autor já não apresenta divergências, porquanto, como ele mesmo discorre, ensinar a distância é indiscutivelmente possível, e atualmente, acontece a todo tempo, por exemplo, quando assimilamos conhecimento por meio de um livro que foi escrito para nos ensinar alguma coisa, ou vemos um filme ou mesmo um programa de televisão, enfim, o professor dá alguns exemplos para fundamentar sua opinião.

Chaves (1999) ainda discute que a expressão "Ensino a Distância" faz perfeito sentido já que quem está ensinando – o professor – está distante, com relação ao espaço e ao tempo de quem está aprendendo – o estudante. Ele completa dizendo que o termo "distância" foi primeiramente criado para fazer menção ao espaço, mas também pode ser perfeitamente aproveitado para se referir ao tempo, no caso.

Recapitulando, Dias e Leite (2010, p. 118) ressaltam que as instituições de Ensino a Distância estão há mais de dez anos em busca de um reconhecimento cada vez maior nesse modelo de ensino, porém, para isso, “[...] precisamos fazê-lo com competência e

responsabilidade, e como esta modalidade ainda se encontra em processo de construção pedagógica, precisamos capacitar profissionais que a planejem [...]”.

Enfatizam ainda que as instituições devem estar preparadas para gerir e administrar com primazia todo o conjunto o qual envolve esse “novo” modelo de ensino, pois, assim sendo, resultará no desenvolvimento do país.

6 Conclusão

O ato de se perscrutar com mais afinco a respeito dessa “nova” modalidade de ensino – a EAD – só vem a somar no processo de ampliação do conhecimento na área - que é uma das tônicas do século XXI –, uma vez que todo o emaranhado de opiniões aqui mescladas, embora sejam, ora discordantes, ora convergentes, contribui na difícil tarefa da pesquisa científica no campo de um ensino que vem crescendo cada vez mais no país.

Todas as mais diversificadas e pertinentes opiniões dos autores que ajudaram nesse trabalho foram importantes para a conclusão do mesmo, pois sem elas não seria possível a fundamentação de toda a pesquisa realizada. Logo, foi possível demonstrar, ainda que de forma geral, visto que o tema em questão é complexo e amplo, que a EAD realmente não é algo novo em meio à sociedade do século XXI, e tampouco é esse tipo negligente de ensino que algumas pessoas acreditam que seja.

Em vista disso, obteve-se uma gama de informações as quais podem surtir efeito no poder de avaliação de cada indivíduo para que ele possa julgar se a Educação a Distância merece ou não a confiabilidade, e melhor, se ela ainda é vista como sendo o mais “novo” modelo de ensino.

Nessa estrutura de mundo globalizado em que as pessoas têm cada vez menos tempo disponível, ou seja, em meio a esse contexto tão propício, entra a EAD que, se estiver de acordo com as demandas, tem tudo para se projetar no meio educacional, levando consigo muitos indivíduos ávidos pelo saber exponencial e de qualidade, desde que seja de forma profícua e excelente, atentando para as atuais tecnologias.

Tendo como base essa premissa, faz-se necessário confirmar que a EAD só tende a adicionar cultura e parâmetros inovadores no âmbito educacional de nosso país, que tanto urge pela qualidade do ensino.

REFERÊNCIAS

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. São Paulo: Editora Autores Associados, 2008.

CASTRO, Márcia Prado. **O Projeto Minerva e o desafio de ensinar Matemática via rádio**. Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2007.

CHAVES, Eduardo O. C. **Tecnologia na Educação, Ensino a Distância, e Aprendizagem Mediada pela Tecnologia: Conceituação Básica**. Disponível em: <http://www.chaves.com.br/TEXTSELF/EDTECH/EAD.htm>. Acesso em: 15 nov. 2010.

DIAS, Rosilãna Aparecida; LEITE, Lígia Silva. **Educação a distância: da legislação ao pedagógico**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

HERMIDA, Jorge Fernando; BONFIM, Cláudia Ramos de Souza. A educação à distância: história, concepções e perspectiva. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p.166 - 181, ago 2006. ISSN: 1676-2584.

Definições de “E-learning” na internet. Disponível em: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&biw=1024&bih=522&defl=pt&q=define:E-learning>. Acesso em: 11 nov. 2010.

VERGARA, Sylvia Constant. **Estreitando relacionamentos na educação a distância**. Volume V – Edição especial – janeiro 2007. Disponível em: http://app.ebape.fgv.br/cadernosebape/asp/dsp_lst_artigos_edicao.asp?coded=46. Acesso em: 15 nov. 2010.